

# Mulheres em situação de violência: trabalho de grupo e subjetividade

Maria Eduarda Ramos (mestranda) (Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC)

Dr. Leandro Castro Oltramari (Departamento de Psicologia – Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, Biguaçu, SC)

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolve reflexões sobre uma atividade de intervenção que vivenciei com um grupo de mulheres em situação de violência realizando estágio supervisionado de Psicologia Educacional em um Centro de Atendimento a Vítimas de Violência (CEVIC) em Florianópolis. Neste grupo, surgiram reflexões sobre enfrentamentos cotidianos, violência doméstica, papéis estabelecidos para mulheres e homens, desigualdade de gênero e direitos humanos. Não só as mulheres do grupo, como também eu, como coordenadora\*, pude me repensar como mulher em situações de desigualdades vividas no cotidiano.

\* Fui supervisionada nesta atividade pelo Dr. Leandro C. Oltramari.

## OBJETIVOS

Esse grupo procurava promover discussões que propiciassem a reflexão das mulheres sobre novas formas de enfrentamento das situações de violência ou das consequências desta; buscava também discutir a formação de uma rede social de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica; além de oportunizar vivências de interação entre essas mulheres.

## TRABALHO DE GRUPO E SUBJETIVIDADE

Para enfrentar o desafio da violência na relação conjugal os grupos reflexivos de gênero vêm se mostrando uma alternativa para se trabalhar com homens e mulheres no enfrentamento desta situação. Este modelo de grupo reflexivo “constitui-se como um espaço de inclusão dos sentimentos, da subjetividade e das relações em um sistema grupal de convivência e reflexão” (ACOSTA, Fernando, 2004, p.23). É um espaço de reflexão sobre o cotidiano de seus participantes. O grupo permite a troca de vivências, situações, sentimentos, histórias semelhantes que serão compartilhadas com as/os demais. Nas conversações são proporcionadas identificações e diferenciações possibilitando a construção de alternativas para as situações de violência doméstica. (ACOSTA, 2004).

No espaço relacional do grupo pude perceber o quanto me mobilizava a situação destas mulheres e como me afetavam algumas atitudes delas em relação a minha atuação no grupo.

Por vezes, as situações de desconforto ao falar sobre a violência e sobre si mesmas geraram por parte delas atitudes de uma certa hostilidade em relação a mim. Em determinadas situações meu sentimento, quando coordenava o grupo, era também como o daquelas mulheres que estavam a minha frente, de me sujeitar aos comentários depreciativos sobre minha atuação, sofrendo, sentindo-me desconfortável.

Freqüentemente, as mulheres do grupo se identificavam ou questionavam minha posição e a da minha colega dentro do grupo (já que éramos duas coordenadoras). Minha colega, que costuma falar e fazer intervenções e eu, que tomava uma posição mais quieta deixando com que as mulheres se relacionassem entre si. Portanto, as mulheres me viam como passiva e a ela com ativa. Algumas se identificaram com esta suposta passividade e relatavam isso. Outras atacavam minha forma de coordenar o grupo, dizendo se incomodarem com a minha postura.

Depois de muito reflexão, percebi que a identificação delas com a coordenadora que falava menos representava uma angústia para estas mulheres por se verem como passivas em suas relações.

Isso não quer dizer que eu estivesse passiva ali ou que precisasse falar mais. Mesmo porque o objetivo do grupo era oportunizar vivências de interação entre elas. Ao refletir sobre esta questão pude manter minha relação com o grupo sem me sentir desconfortável.

A minha colega também era atacada em alguns momentos. Assim fui levada a pensar numa outra possibilidade para os ataques. A própria posição de coordenar um grupo gerava uma relação de poder. E poderia ser atacada por causa disso. Sem perceber que eram ativas e direcionadoras do grupo, estas mulheres nos atacavam pela nosso suposto poder. Experiência semelhante ao que viviam nas relações conjugais.

Como eu, as mulheres participantes do grupo também puderam fazer suas reflexões. Algumas interações que exemplificam as reflexões destas mulheres: relatos sobre situações pessoais de violência doméstica despertando nas demais participantes, o incentivo à tomada de novas atitudes; as mulheres traziam poesias ou escritos que as mobilizavam e a partir disto surgiam reflexões; ao ser descrito por algumas o medo de enfrentar a vida, as demais as apoiavam e incentivavam a enfrentar o medo; utilizavam metáforas para dizer o quanto queixar-se não era mais positivo para elas – “*Estou largando a caneca do pedinte. Cansei de me queixar e a situação não se resolver.*” – fala de uma das participantes, entre outras.

Através de reflexões e interações com as demais participantes do grupo, as mulheres conseguiram refletir sobre seus relacionamentos e sobre si mesmas, no quanto elas eram sujeitos reativos e também violentos nas relações com seus cônjuges.

E eu pude refletir sobre o meu papel como coordenadora deste grupo e sobre a relação delas comigo e com minha colega.

## CONCLUSÃO

A relação com estas mulheres provocou em mim muitas reações subjetivas. O desconforto de ser atacada e a reflexão sobre estes ataques fizeram parte da vivência grupal. A figura de coordenação não estava fora do grupo de mulheres. Eu e minha colega fazíamos parte deste grupo. Houve uma interação entre nós duas e com todas as participantes do grupo. Eu, como coordenadora, também pude me repensar como sujeito e mulher nesta relação. Sobre a vivência das interações subjetivas entre as mulheres é possível citar que no princípio, elas não se reconheciam como sujeitos reativos e também violentos fazendo parte das cenas relacionais de violência doméstica que vivenciavam, representando-se muitas vezes apenas como mulheres dedicadas aos maridos e aos filhos. Representações que foram sendo desconstruídas por elas próprias nas discussões em grupo. Todas nós, coordenadoras e participantes, nas trocas intersubjetivas, pudemos desenvolver novas formas de agir e pensar, novas posições de sujeitos, mas não sem antes realizarmos estes exercícios de enfrentamentos com as representações que tínhamos de nós mesmas.

## REFERÊNCIAS

- Acosta, F. **Conversas homem a homem:** grupo reflexivo de gênero: metodologia. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2004.
- Gregori, Maria Filomena. **Cenas e queixas:** um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- Prado Fº, Kleber e Martins, Simone. **A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s).** In: Revista Psicologia e Sociedade/Associação Brasileira de Psicologia. Vol 19, nº 3 set/dez, 2007.